

PIPAROTES – MACHADO DE BRÁS E QUINCAS
(ESBOÇOS SOBRE HUMANITISMO, RELATIVISMO E CÃES)*

WILBERTH CLAYTHON F. SALGUEIRO
UFES

Para Marília, meu achado machadiano

Resumo

A partir da imagem do **cão** em três textos de Machado de Assis, atualizam-se algumas reflexões em torno do chamado relativismo do autor de *Crisálidas*, perscrutando sua presença na filosofia dos *humanitas*.

Palavras-chaves: Machado de Assis. Relativismo. Humanitismo. Poder. Ironia.

I – Prolegômenos

Bons dias! O título destes fragmentos, como já terá percebido o leitor machadiano, recupera parte da abertura do romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Ali, Brás – defunto que escreve – apresenta-se ao leitor: “A obra em si mesma é tudo: se te agradar, fino leitor, pago-me da tarefa; se te não agradar, pago-te com um piparote, e adeus”. Breves como este ligeiro ensaio, os piparotes apenas roçam o corpo, chamando-o à cena; não têm o intuito visível de marteladas. O piparote de Machado de Brás e Quincas abala, não demole; destrona, não destrói.

A fortuna crítica da obra machadiana se multiplica dia a dia, entrecruzando perspectivas filosóficas, psicanalíticas, sociologizantes, metaliterárias etc. Vinte minutos mal seriam suficientes para a leitura pausada de um conto como, por exemplo, “Teoria do medalhão”, ou “O cônego ou Metafísica do estilo”¹.

Machado de Assis é o maior romancista brasileiro. Antes dele, somente o talento de Alencar havia se constituído como força ficcional nessas terras tupiniquins,

construindo uma vasta obra romanesca em torno de um projeto basicamente de feição nacionalista, em que pese o aparente paradoxo de importar gostos, tramas e idéias da Europa. Machado desvia a direção alencariana e cria uma obra em que valores universais vêm se mesclar a uma ambiência bastante brasileira (mais especificamente, o Rio de Janeiro) numa escrita singular: ironia e humor refinados, pessimismo e relativismo sutis, cultura e sensibilidade forjadas num tratamento escritural para sempre inconfundível na história da nossa ficção. (Estilo e força que só encontrarão, para mim, patamar semelhante na obra de Guimarães Rosa; para outros, também na ficção de Clarice Lispector.) Machado, portanto, praticamente inaugura a fina linhagem de romancistas que este país veio a produzir.

Apenas após escrever 4 romances (*Ressurreição*, *A mão e a luva*, *Helena e Iaiá Garcia*), vêm à luz os ditos romances maduros: *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba*, *Dom Casmurro*, *Esau e Jacó* e *Memorial de Aires*. Dez anos separam o primeiro destes (*Brás...*) do segundo (*Quincas...*), 1881 e 1891, perfazendo, hoje, 120 e 110 anos de suas respectivas publicações. O terceiro (*Dom Casmurro*) traz a enigmática Capitu, recentemente eleita a personagem mais lembrada por leitores em pesquisa do jornal *Folha de São Paulo*. Nos dois últimos, *Esau e Jacó* e *Memorial de Aires*, surge a figura fascinante do Conselheiro Aires, que a crítica mal consegue entender sem um avanço no espectro biografizante, lendo-o como uma espécie de *alter ego* do criador².

Falarei, aqui, a piparotes, tão-somente de *Brás* e de *Quincas*, atento à efeméride centenária. Outros romances, contos, crônicas, cartas, poemas, peças, ensaios do Bruxo ficam de lado, à espreita.

II – O Humanitismo

Em termos propriamente de enredo, o que liga estes dois romances é a presença do Humanitismo, sistema filosófico que se quer lógico, embora elaborado por um louco (ou, para ser politicamente correto, personagem de comportamento desviante – que veio a se tornar louco). Lido e relido de ponta-cabeça por vários intérpretes machadianos, o Humanitismo – exposto pela primeira vez a *Brás Cubas* no capítulo 117 do *Memórias póstumas...* – tem por lema um saboroso slogan: “Ao vencedor, as batatas”, que aparece no capítulo 6 do *Quincas...*, quando o “filósofo” o explica a seu futuro herdeiro Rubião:

— Não há morte. O encontro de duas expansões, ou a expansão de duas formas, pode determinar a supressão de uma delas; mas, rigorosamente, não há morte, há vida, porque a supressão de uma é a condição de sobrevivência da outra, e a destruição não atinge o princípio universal e comum. Daí o caráter conservador e benéfico da guerra. Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transpor a

montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividirem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz, nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos os demais efeitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe é aprazível ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas.

Paródia evidente das idéias positivistas, darwinistas e naturalistas, “para o humanitismo havia só uma força, a da natureza, razão nada humana a determinar os sentidos humanos”, como diz Katia Muricy em seu excelente *A razão cética – Machado de Assis e as questões de seu tempo*³. Seguindo de perto a famosa Lei de Lavoisier – “Na natureza nada se cria e nada se perde, tudo se transforma” –, o Humanitismo é também uma filosofia da força, em que o organismo fraco dá vez ao organismo forte, como o carneiro sustenta o leão.

Na ficção machadiana, contudo, deve-se atentar para a extensão da paródia (em que às vezes se torna impossível separar o senso comum, o bom senso, o não senso e a ausência de sentido) quanto à crítica das relações sociais, estas também movidas inelutavelmente por jogos de poder e interesses fundados em trocas mesquinhas e hipócritas, quando não em apropriações indébitas ou mesmo explorações e roubos institucionalmente aceitos e estimulados – políticos corruptos, casamentos contratados, intelectuais medalhões, nobreza sem linhagem, religiosos de fachada, falsos ricos, revolucionários caretas, artistas acomodados etc.

A metáfora da guerra tribal, baseada num instinto animal de sobrevivência, aponta para a guerra das batatas sociais, em que o esperto, o oportunista, o bajulador esperam levar vantagem, carentes de atributos outros. O poder está em toda parte, sim, mas ele tem muitas caras. Identificar o rosto com que o poder se apresenta pode ser uma lição da obra machadiana. O poder, entretanto, só se veste com uma roupa: a da linguagem.

III – Os cães de Machado

Vejamos, sempre a piparotes, a questão do relativismo machadiano, a partir ainda da Filosofia do Humanitismo. Antes, leiamos um poema de *Ocidentais*, de 1879, intitulado “Suave marí magno”, em que o poeta Machado escreve:

Lembra-me que, em certo dia,
Na rua, ao sol de verão,
Envenenado morria
Um pobre cão.

Arfava, espuma e ria,
De um riso espúrio e bufão,
Ventre e pernas sacudia
Na convulsão.

Nenhum, nenhum curioso
Passava, sem se deter,
Silencioso,

Junto ao cão que ia morrer,
Como se lhe desse gozo
Ver padecer.

Saído apenas um ano antes de *Memórias póstumas de Brás Cubas* (lembrando que o romance saiu em folhetim em 1880, sendo publicado integralmente em 1881), este poema de 1879 parece dialogar com a cena romanesca narrada no capítulo 141:

Daí a pouco demos com uma briga de cães, fato que aos olhos de um homem vulgar não teria valor. Quincas Borba fez-me parar e observar os cães. Eram dois. Notou que ao pé deles estava um osso, motivo da guerra, e não deixou de chamar a minha atenção para a circunstância de que o osso não tinha carne. Um simples osso nu. Os cães mordiam-se, rosnavam, com furor nos olhos... Quincas Borba meteu a bengala debaixo do braço, e parecia em êxtase.

— Que belo que isto é! dizia ele de quando em quando.

Quis arrancá-lo dali, mas não pude; ele estava arraigado ao chão, e só continuou a andar, quando a briga cessou inteiramente, e um dos cães, mordido e vencido, foi levar a sua fome a outra parte. Notei que ficara sinceramente alegre, posto contivesse a alegria, segundo convinha a um grande filósofo. Fez-me observar a beleza do espetáculo, relembrou o objeto da luta, concluiu que os cães tinham fome; mas a privação do alimento era nada para os efeitos gerais da filosofia. Nem deixou de recordar que em algumas partes do globo o espetáculo é mais grandioso; as criaturas humanas é que disputam aos cães os ossos e outros manjares menos apetecíveis; luta que se complica muito, porque entra em ação a inteligência do homem, com todo o acúmulo de sagacidade que lhe deram os séculos etc.

Agora, para completar o trajeto, recordemos o capítulo 188 do romance *Quincas Borba* em que D. Fernanda (rica e boa senhora) vai com Sofia (nova rica, afetada e falsa) à casa de Rubião, a pedido deste (internado para tratamento), a fim de buscar o cão Quincas. Sofia, consternadíssima por estar num ambiente para ela desagradável, contrasta com a simplicidade e inteireza de caráter de D. Fernanda, disposta a cumprir o prometido:

D. Fernanda coçava a cabeça do animal. Era o primeiro afago depois de longos dias de solidão e desprezo. Quando D. Fernanda cessou de acariciá-lo, e levantou o corpo, ele ficou a olhar para ela, e ela para ele, tão fixos e tão profundos, que pareciam penetrar no íntimo um do outro. A simpatia universal, que era a alma desta senhora, esquecia toda a consideração humana diante daquela miséria obscura e prosaica, e estendia ao animal uma parte de si mesma, que o envolvia, que o fascinava, que o atava aos pés dela. Assim, a pena que lhe dava o delírio do senhor, dava-lhe agora

o próprio cão, como se ambos representassem a mesma espécie. E sentindo que a sua presença levava ao animal uma sensação boa, não queria privá-lo de benefício .

— A senhora está-se enchendo de pulgas, observou Sofia.

D. Fernanda não a ouviu. Continuou a mirar os olhos meigos e tristes do animal, até que este deixou cair a cabeça e entrou a farejar a sala.

Os três tristes trechos compõem uma trama à parte. Em todos, um cão atua como personagem. No poema de 1879, rindo como um bufão, solitário, sem “nenhum curioso” a testemunhar-lhe o espetáculo da morte, o cão está a morrer; no romance de 1880-81, são dois cães a disputar um pedaço de osso – “mordiam-se, rosnavam, com furor nos olhos...” –, sob os olhares atentos de Brás e, sobretudo, de Quincas, que via na cena mais um exemplo dos “efeitos gerais da [sua] filosofia”; já no romance de 1891, cujo título con-funde o personagem-louco, o personagem-cão e a própria narrativa, o cão Quincas recebe da caridosa D. Fernanda “afago depois de longos dias de solidão e desprezo”.

O que está em pauta, enfim, nesses exemplos-metáforas retirados de contextos aparentemente díspares? É a relatividade do interesse que move o nosso olhar: no modo, na perspectiva que escolhemos vai-se moldando a nossa subjetividade. A ficar apenas nesse recorte, Machado mostra, no poema de *Ocidentais*, um cão completamente abandonado, sem “nenhum, nenhum curioso” a ver-lhe a morte; mostra, em *Memórias póstumas...*, cães como vivo objeto de interesse de uma reflexão; mostra, em *Quincas Borba*, um cão digno de toda a atenção e “consideração humana”, “como se ambos representassem a mesma espécie”.

Machado, sabidamente leitor de Schopenhauer, parece concordar quando este diz: “A compaixão para com os animais liga-se tão estreitamente com a bondade de caráter que se pode afirmar, confiantemente, que quem é cruel com os animais não pode ser uma boa pessoa. Também esta compaixão mostra-se como tendo surgido da mesma fonte, junto com aquela virtude que se exerce em relação aos seres humanos.”⁴

Em suma, a relatividade do olhar (da interpretação, do posicionamento) não guarda nada de ingênuo, sendo uma atitude tipicamente humana que, tantas vezes, se escora em lugares dúbios para que a ambigüidade mesma ocupe a vontade de não-compromisso; ou, pior, outras vezes, em nome da relatividade das coisas (do mundo, da linguagem), os homens – apoiados em armas bélicas e midiáticas – forcem leituras, criam discursos, impõem leis e guerras pretextualmente fundamentadas. (Como fez a Alemanha hitlerista, como fazem os Estados Unidos e todos aqueles, entre pessoas e instituições, que impedem a liberdade e matam a vida.) Os cães de Machado – abandonados, em luta, acolhidos – são a metáfora mesma do Homem, que é o próprio Humanitas: ao vencedor, os ossos; ao perdedor, a morte ou a piedade.

IV – O relativismo machadiano

Brás Cubas, defunto autor, pode falar o que quiser a partir do mundo outro em que está, posto que

Na vida, o olhar da opinião, o contraste dos interesses, a luta das cobiças obrigam a gente a calar os trapos velhos, a disfarçar os rasgões e os remendos, a não estender ao mundo as revelações que faz à consciência; e o melhor da obrigação é quando, à força de embaçar os outros, embaça-se um homem a si mesmo, porque em tal caso poupa-se o vexame, que é uma sensação penosa, e a hipocrisia, que é um vício hediondo. Mas, na morte, que diferença! que desabafo! que liberdade!

Rubião, como o mestre Quincas, enlouquece. O cão que fora de ambos, qual o cão do poema, “amanheceu morto na rua, três dias depois”, nessa que é a história mais trágica e sem complacência da pena de Machado, incrivelmente lido por alguns (baixos leitores) como um escritor alienado, fora da história, sem posições públicas e definidas. Nada mais equivocado.

O relativismo em Machado não é abstencionismo nem oportunismo, mas fina ironia e horror à polêmica. A obra machadiana traz, com todas as letras, uma reflexão implacável sobre a história de seu tempo: o sistema escravagista, o regime republicano, as guerras, os cientificismos vigentes; a sociedade estamental, os interesses pessoais e coletivos, a importação de idéias, os debates em torno da identidade nacional; a literatura dos clássicos e contemporâneos, técnicas variadas de escrita, o tempo como personagem-mor da vida e da ficção, a formação de um público leitor: a tudo isso Machado esteve atento.

Repito: o relativismo em Machado não é desejo alienado de abster-se, nem atitude circunstancial, mas humor depurado e horror à polêmica vã. Não à toa seu último grande personagem é diplomata e Conselheiro, de nome Aires, como se lê em *Esau e Jacó*:

Posto que viúvo, Aires não foi propriamente casado. Não amava o casamento. Casou por necessidade do ofício; cuidou que era melhor ser diplomata casado que solteiro, e pediu a primeira moça que lhe pareceu adequada ao seu destino. Enganou-se: a diferença de temperamento e de espírito era tal que ele, ainda vivendo com a mulher, era como se vivesse só. Não se afligiu com a perda; tinha o feitio do solteirão.

Era cordato, repito, embora esta palavra não exprima exatamente o que quero dizer. Tinha o coração disposto a aceitar tudo, não por inclinação à harmonia, senão por tédio à controvérsia.

É este “tédio à controvérsia” que faz de Aires um personagem machadiano, e não de Machado um personagem ficcional. Plenamente ficcional é Rubião ao entender a relatividade das coisas e dos seres e dizer: “A paisagem depende do ponto de vista.” Daí a concluir que “o melhor meio de apreciar o chicote é ter-lhe o cabo na mão” é um passo. Finalmente entende (talvez de tanto repetir) que o

lema do mestre Quincas Borba – “ao vencedor, as batatas” – era relativizado pela perspectiva adotada, a do vencedor. Cabe a nós, leitores não loucos como Quincas e Rubião, entendermos a porção tragicômica da máxima (batatas como troféu), cujo sentido se esvazia e/ou se multiplica se consideramos que sua enunciação vem de personagens cujos parâmetros lógicos não “batem” com o senso comum. E assim Machado ironiza e põe no mesmo balaio do não-senso o (nosso) inevitável senso comum.⁵

Para terminar com tempero, relembremos as máximas que Brás Cubas escreve, no capítulo 119, logo após ouvir de Quincas Borba a exposição do Humanitismo, “sistema de filosofia destinado a arruinar todos os demais sistemas”, máximas relativistas que têm a coloração de um digno Humanitas:

Suporta-se com paciência a cólica do próximo.

Matamos o tempo; o tempo nos enterra.

Um cocheiro filósofo costumava dizer que o gosto da carruagem seria diminuto, se todos andassem de carruagem.

Crê em ti; mas nem sempre duvidas dos outros.

Não se compreende que um botocudo fure o beijo para enfeitá-lo com um pedaço de pau. Esta reflexão é de um joalheiro.

Não te irrites se te pagarem mal um benefício: antes cair das nuvens, que de um terceiro andar.

Antes receber um piparote, que uma martelada. Sim?

Bibliografia

- ASSIS, Machado de. *Machado de Assis - Obra completa*. 3 v. Nona impressão. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- BOSI, Alfredo. *O enigma do olhar*. São Paulo: Ática, 1999.
- CANDIDO, Antonio. “Esquema de Machado de Assis”. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970, p. 15-32.
- FAORO, Raymundo. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. São Paulo: Nacional, 1976.
- GLEDSON, John. *Machado de Assis: ficção e história*. Tradução: Sônia Coutinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- MURICY, Katia. *A razão cética: Machado de Assis e as questões de seu tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- RIEDEL, Dirce Côrtes. *Metáfora – o espelho de Machado de Assis*. 2 ed. São Paulo: Francisco Alves, 1979.
- SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades, 1990.
- WERNECK, Maria Helena. *O homem encadernado: Machado de Assis na escrita das biografias*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.

Notas

* Com mínimas alterações, esse texto foi apresentado no evento “Machado de Assis – uma comemoração. Psicanálise e literatura”, promovido pela Escola Lacaniana de Psicanálise de Vitória em comemoração aos 120 anos de *Memórias póstumas de Brás Cubas* e aos 110 anos de *Quincas Borba*, e ocorrido em 27/10/2001. A mesa foi composta também pelas professoras Maria Teresa Palazzo Nazar, Renata Valentim e Maria de Lourdes Andrade.

¹ Naturalmente, para estudos mais longos sobre a obra machadiana, sob quaisquer perspectivas, não podem faltar alguns clássicos, além dos citados ao longo deste esboço, como: CANDIDO, Antonio. “Esquema de

Machado de Assis". *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970, p. 15-32; FAORO, Raymundo. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. São Paulo: Nacional, 1976; GLEDSON, John. *Machado de Assis: ficção e história*. Tradução: Sônia Coutinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986; SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades, 1990.

² Veja-se WERNECK, Maria Helena. "‘Fica comigo!’: o biográfico nos diversos pactos de leitura do *Memorial de Aires*". *O homem encadernado: Machado de Assis na escrita das biografias*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996, p. 217-29.

³ MURICY, Katia. *A razão cética: Machado de Assis e as questões de seu tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 87.

⁴ Sigo indicação de Alfredo Bosi, em "Materiais para uma genealogia do olhar machadiano", que fornece "fragmentos significativos, balizas de um pensamento de que Machado nos deu uma singular e complexa variante". O trecho de Schopenhauer foi retirado de *Sobre o fundamento da moral*. Ver BOSI, Alfredo. *O enigma do olhar*. São Paulo: Ática, 1999, p. 222.

⁵ Cf. RIEDEL, Dirce Côrtes. *Metáfora – o espelho de Machado de Assis*. 2 ed. São Paulo: Francisco Alves, 1979.